

## DANÇA

# Evento reúne a vanguarda da dança

Lena Azevedo

A dança deu um eixo sobre si mesma e saiu da redoma que limitava seus passos a belos movimentos executados com uma música de fundo. A nova linguagem coreográfica prevê uma relação dialética entre teatro-música-dança. A junção desses elementos e seu resultado estético estão em cena desde segunda-feira no palco do Sesc — Vila Nova, em São Paulo, no 3º Movimentos de Dança. Representando essa linha recente de atuação em dança, dois grupos de Campinas foram selecionados para a mostra. Ontem e hoje, a apresentação do "Queixa", de J. C. Dalgarron e com Verônica Fabrini, Mônica Sucupira, Zaldo Rocha e o grupo "Produtos Notáveis", "La fiancé solitaire", amanhã e sábado. Também marcando presença no festival a obra "Cantos", uma criação coletiva de alunos da Unicamp, sobre o livro maldito de Isidore Ducasse "Os cantos de Maldoror", com direção da professora de Dança da Unicamp Patrícia Noronha.

Da composição cênica "Queixa/Flash", somente "Queixa" foi escolhida para a apresentação no 3º Movimentos de Dança no Sesc-Vila Nova. Com músicas e direção de João Carlos Dalgarron, professor de Rítmica e Percussão da Unicamp, a peça foi coreografada coletivamente por alunas do Departamento de Dança do curso de Artes Cênicas da Unicamp. Georgia Lengos, Sandra Cavalini e Lilian Vilela encarnam as divisões e os conflitos individuais da Valéria Franco. Baseado na teoria das três personalidades, desenvolvidas pelo psicanalista Sigmund Freud, as três bailarinas, cobertas com panos são o "id", o "ego" e o "alter ego" da personagem interpretada por Valéria Franco. Segundo uma das diretoras de coreografia, Marcia Strazzacappa, essa é a terceira versão de "Queixas" — inicialmente imaginada sobre a música de Caetano Veloso com o mesmo nome.

Nesta versão, o trabalho conta com composições do diretor J.C. Dalgarrondo onde os músicos Renato Kesi (piano), Cristina (violoncelo), Dailton (clarineta) e o próprio Dalgarrondo (percussão), participam ativamente no desenvolvimento da peça. "Queixas é um trabalho introspectivo privilegia essa nova linguagem onde a dança, a música e o teatro se interrelacionam. A importância de participarmos dessa mostra é que, justamente por ser uma nova linguagem da dança, os espa-

ços para apresentações são bem reduzidos e no festival tivemos a oportunidade de apresentá-la", diz Strazzacappa.

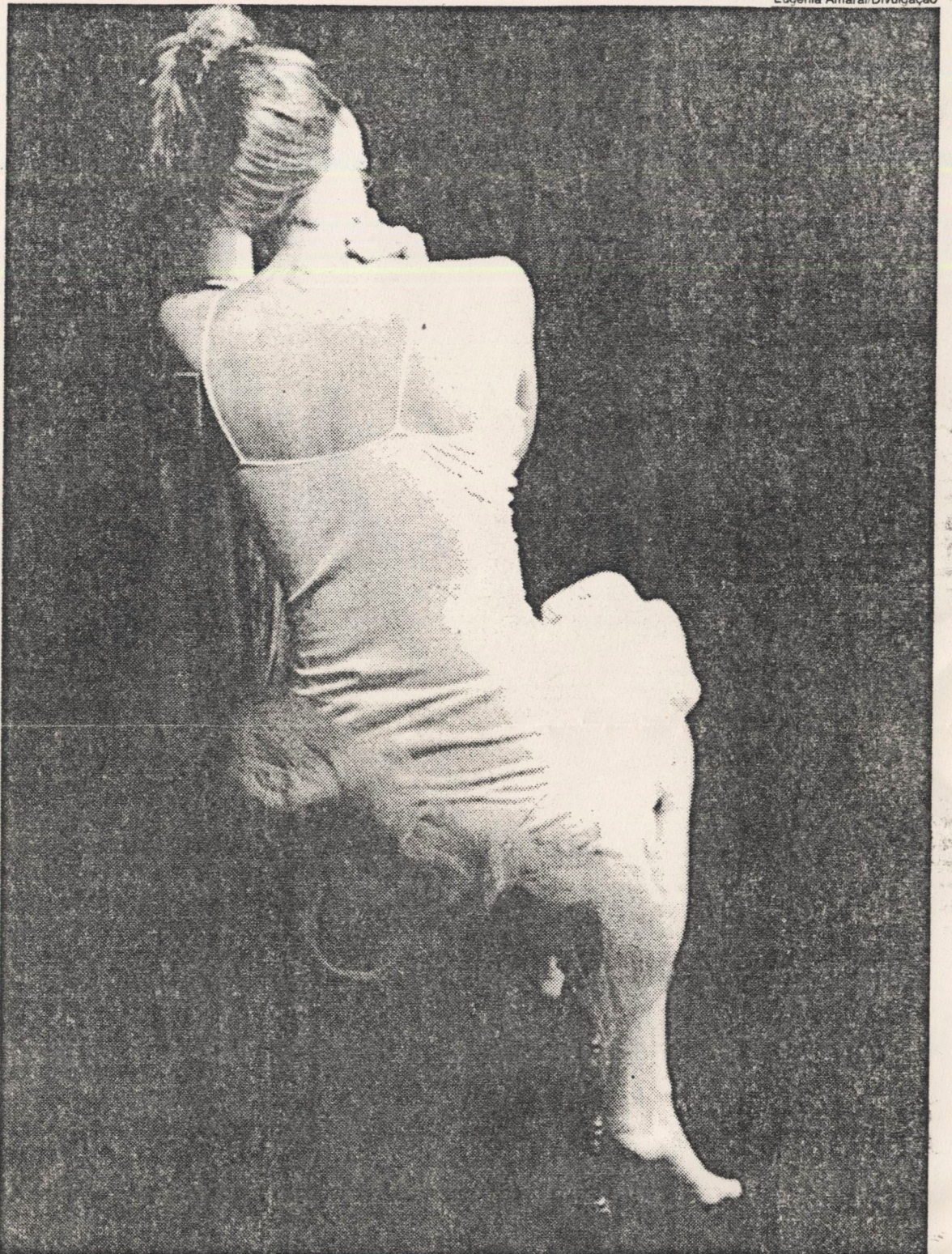
## Nova linguagem

"La fiancée solitaire" (A noiva solitária) surgiu quando o instrumentista Zaldo Rocha, do Departamento de Música da Unicamp, mostrou uma sua nova composição para Verônica Fabrini. A música tinha um toque impressionista que lembrava algo do francês Erik Satie. Inspirada pelas notas emitidas por Zaldo Rocha, a aluna de Artes Cênicas da Unicamp elaborou um roteiro. Para a direção, Verônica convidou Mônica Sucupira e o grupo do qual faz parte na Artes Cênicas. "Produtos Notáveis", para a concepção visual.

A idéia de "La fiancée...", segundo Verônica, é simples. "Nós queríamos mais ações do que passos, para isso, dilapidamos os movimentos tornando-os musicais", conta. Com sete momentos, a peça busca materializar em imagens todos os sons. Assim, tanto a dançarina, como o músico, ou ainda a iluminação são considerados personagens, já que intergerem diretamente na ação.

Interpretada por Verônica Fabrini e Zaldo Rocha — ao piano — "La fiancée solitaire" é um pouco, como define o grupo, conto de fadas. A ação se desenrola no quarto de uma moça. A personagem ao folhear um livro começa a misturar ficção e realidade. Seus atos confundem-se com a literatura.

E foi a literatura também que inspirou "La fiancée...". A peça Pelloá Melissande, de Maurice Maeterlink, um autor simbolista do teatro "sonoridade e os climas dessa obra impressionista ajudaram na criação", diz Verônica Fabrini.



O 3º Movimento de Dança que vem sendo apresentado em São Paulo tem a participação de três trabalhos de estudantes da Unicamp, entre eles, "La fiancée solitaire", com Verônica Fabrini (na foto)

## Um espetáculo impressionista que envolve o público

O cenário de "La fiancée solitaire" é impressionista. Um divã, uma mesinha de toalete, uma cortina e uma corda — que sai do centro do palco — transportam o espectador para dentro do quarto da personagem. O clima é completado por perfumes e talcos, odores que quebram o distanciamento entre a realidade do público e a ficção do palco. Em "La fiancée..." não há como escapar, sem perceber — como a própria personagem —, quem está fora se envolve com a história. Para isso, o

grupo originalmente idealizou uma apresentação, onde o público estivesse dentro do palco, mais exatamente dentro do quarto.

A peça começa com a personagem lendo um livro. A ficção vai envolvendo-a. Momentos de hesitação e resistência até o rompimento do estreito fio que separa o imaginário do real. Nesse momento, personagem e platéia são envolvidos na trama literária. As músicas de Zaldo Rocha e a iluminação e cenários ela-

borados pelo "Produtos Notáveis" sugam o espectador para um universo das sensações. Nele, o que parecia impossível acontece. A materialização dos sons e o efeito da iluminação, como a que vem de fora do palco, atravessando a cortina — que leva-nos a visualizar a luz da lua e a sentir os seus efeitos. A luz da lua age como um personagem, "feminino" — como lembra Verônica. Assim, "La fiancée solitaire" é, não só um espetáculo inovador do ponto de vista da linguagem cêni-

ca, mas sobretudo na concretização da mensagem. O rompimento entre a realidade e a ficção não se restringe ao enredo da peça. Em "La fiancée..." a barreira que separa o artista do público também desmorona. A corda que sai do meio do palco — representando a saída para o sonho —, através do envolvimento de todos esses elementos, parece ser lançada também ao espectador, que pode realizar, ali, uma bela viagem ao mundo da fantasia. Como num conto de fadas.